



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA**

ROSYANNE GOMES BARBOSA

**EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR:
UMA EXPERIÊNCIA COM RIBEIRINHOS DE MIRACEMA DO TOCANTINS-TO**

**Miracema do Tocantins, TO
2025**

Rosyanne Gomes Barbosa

**Educação Não-Escolar:
Uma Experiência com os Ribeirinhos de Miracema do Tocantins-TO**

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de Pedagogia foi avaliado para obtenção do título de Pedagoga e aprovada em sua forma final pelo orientador da Banca Examinadora.

Miracema do Tocantins, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B238e Barbosa, Rosyanne Gomes.
 Educação não-escolar: uma experiência com os ribeirinhos de Miracema
 do Tocantins-TO. / Rosyanne Gomes Barbosa. – Miracema, TO, 2025.
 42 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2025.

Orientador: Antônio Miranda de Oliveira

1. Educação não-escolar. 2. Ribeirinhos. 3. Cultura. 4. Miracema. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ROSYANNE GOMES BARBOSA

EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR:
UMA EXPERIÊNCIA COM OS RIBEIRINHOS DE MIRACEMA DO TOCANTINS-TO

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de Pedagogia foi avaliado para obtenção do título de Pedagoga e aprovada em sua forma final pelo orientador da Banca Examinadora.

Data de aprovação: 27/06/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antônio Miranda de Oliveira – Orientador - UFT.

Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho – Examinador - UFT

Profa. Dra. Layana Giordanna B. Lima – Examinadora - UFT

AGRADECIMENTOS

À Deus.

À minha família.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antônio Miranda, pelo conhecimento repassado, que muito enriqueceram minha pesquisa.

RESUMO

O objetivo central do trabalho é “Reconstituir as histórias, os saberes e práticas, do lugar e dos ribeirinhos que residem na parte norte da cidade de Miracema do Tocantins margeando o Rio Tocantins e o Rio Providência”. Para tal optou-se por uma pesquisa de campo. A investigação caracteriza-se por ser de caráter qualitativo e quantitativo, e com ênfase no exploratório-descritivo. Os resultados demonstraram que a cultura ribeirinha é produzida e reproduzida por meio da oralidade, de geração em geração, da observação da natureza e do trabalho cooperativo. Cultura essa que resiste mesmo em meio às adversidades, como ausência de políticas públicas, impactos ambientais causados pelos empreendimentos hidrelétricos próximos, e a ameaça da sua cultura e identidade se perder por completo. Durante a elaboração do trabalho foi possível identificar o quanto relevante é a Educação não-escolar das comunidades ribeirinhas, porém ainda há um longo caminho a ser traçado de valorização dos saberes típicos, implementação de políticas públicas para melhoria da qualidade de vida ribeirinha e para a preservação da sua cultura.

Palavras-chave: Educação Não-Escolar. Ribeirinhos. Cultura. Miracema.

ABSTRACT

The main aim of the work is to “reconstitute the stories, knowledge and practices of the place and the riverside dwellers who live in the northern part of the city of Miracema do Tocantins bordering the Tocantins River and the Providência River”. To this end, field research was chosen. The research was qualitative and quantitative, with an emphasis on the exploratory-descriptive. The results showed that riverside culture is produced and reproduced through orality, from generation to generation, observation of nature and cooperative work. This culture resists even in the midst of adversity, such as the lack of public policies, environmental impacts caused by nearby hydroelectric projects, and the threat of their culture and identity being completely lost. During the course of the work, it was possible to identify how important non-school education is for riverside communities, but there is still a long way to go in terms of valuing typical knowledge and implementing public policies to improve the quality of life of riverside communities and preserve their culture.

Keywords: Non-school education. River dwellers. Culture. Miracema.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição de gênero na comunidade Ribeirinha.....	18
Gráfico 2 - Faixa etária dos moradores da comunidade.....	18
Gráfico 3 - Tempo de Moradia na comunidade Ribeirinha.....	19
Gráfico 4 - Nível de escolaridade	21
Gráfico 5 - Percepção dos ribeirinhos com os impactos da Usina.....	23
Gráfico 6 - Percepção dos entrevistados sobre a estrada.....	24
Gráfico 7 - Avaliação da presença do poder público na Comunidade Ribeirinha.....	25
Gráfico 8 - Finalidade do pescado e do cultivo.....	29
Gráfico 9 - Fonte do conhecimento tradicional entre os ribeirinhos.....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tamanho das terras ribeirinhas por hectares (ha).....21

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	REFERENCIAL	10
2.1	Educação Não-Escolar.....	10
2.2	História de Miracema do Tocantins.....	12
2.3	Populações Ribeirinhas de Miracema.....	15
3	ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS.....	18
3.1	Condições de vida.....	18
3.2	Infraestrutura e poder público	21
3.3	Atividades de subsistência.....	26
3.4	Conhecimentos tradicionais	29
4	DISCUSSÃO SOBRE OS DADOS.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS.....	35
	APÊNDICES	38

1 INTRODUÇÃO

Atualmente estamos observando a abertura de um leque de oportunidades para que profissionais do campo da educação, especialmente pedagogos, sejam inseridos em espaços de trabalho que não se limitem ao mundo da escola. É neste sentido, que nesta etapa de minha formação no curso de Pedagogia, tomei a decisão de fazer minha pesquisa monográfica de conclusão do curso aprofundando leituras no campo da educação não-escolar. Assim, toma-se como temática da pesquisa os saberes e práticas de uma população ribeirinha que vive na região norte da cidade de Miracema do Tocantins, margeando os rios Tocantins e Providência.

Sendo assim, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), se articula com o debate sobre a educação não-escolar e suas finalidades e definiu-se como objetivo geral deste estudo: “Reconstituir as histórias, os saberes e práticas, do lugar e dos ribeirinhos que residem na parte norte da cidade de Miracema do Tocantins margeando o Rio Tocantins e o Rio Providência”. Desse modo, definiu-se como questão norteadora da pesquisa o seguinte questionamento: “Como os ribeirinhos de Miracema produzem e reproduzem seus saberes e práticas no local onde vivem?”.

Considerando o objetivo geral e a questão que norteia a pesquisa, os objetivos específicos foram definidos assim: “caracterizar a região do município de Miracema e a população ribeirinha que vive em sua região norte; apresentar discussão sobre o que é educação não escolar em articulação com o contexto dos (as) ribeirinhos (as); e identificar e discutir práticas sociais, saberes e práticas da população ribeirinha da região norte de Miracema”.

A justificativa pessoal para esta pesquisa é que ao longo dos últimos anos tive a oportunidade de conviver com os ribeirinhos da margem do Rio Tocantins, isso me fez respeitar as tradições ribeirinhas e valorizar sua cultura e relação com o meio ambiente. A justificativa acadêmica é que notei que há uma escassez de estudos acerca dos ribeirinhos de Miracema do Tocantins e quero, com este trabalho, enriquecer o campo de conhecimento sobre essa população. Por fim, a justificativa social é a intenção de promover um novo olhar sobre a educação não-escolar ribeirinha, e fomentar o reconhecimento, por parte da comunidade de Miracema do Tocantins, dos saberes ribeirinhos.

A pesquisa tem como metodologia uma abordagem qualitativa e quantitativa, exploratória e descritiva, com foco em trabalho de campo, o que enriqueceu a pesquisa sobre a educação não-escolar da comunidade ribeirinha das margens dos Rios Tocantins e Providência.

2 REFERENCIAL

2.1 Educação Não-Escolar

Existe uma forma de entender a educação pensada como o ato de educar e de instruir, processo de desenvolvimento do ser humano, em geral visando à sua melhor integração individual ou social. Nesta concepção, a educação engloba os processos de ensinar e aprender, situação que é preponderante nos espaços formais. No entanto, também podemos pensá-la em um sentido mais amplo.

A Educação Não-Escolar é aquela que ocorre fora do âmbito escolar, e mesmo assim, acaba exercendo a prática educativa, onde a mesma pode desenvolver em diferentes espaços, dessa forma, a educação não-escolar ultrapassa as barreiras da escola para se efetivar.

Segundo Gohn (2005) a educação não-formal sempre é pensada de forma coletiva e a sua maior importância está em criar novos conhecimentos para agir. E a mesma abrange outros campos e dimensões, no qual a aprendizagem traz o processo de conscientizar os indivíduos para compreender os fatores que o cercam; a capacitação dos indivíduos para exercer o trabalho, aprendendo a ter habilidades ou desenvolvê-las; a aprendizagem de exercício que levam a práticas que os capacita a se organizar em prol dos seus objetivos; a aprendizagem dos conteúdos em espaços e jeitos diferentes e a educação desenvolvida através das tecnologias.

A educação está presente em todos os momentos da vida, de modo que ela pode ser encontrada em casa, na rua, na igreja ou nas escolas. O ato educacional acontece mesmo de forma involuntária. O indivíduo está sempre aprendendo e ensinando ou fazendo as duas coisas ao mesmo tempo, gerando o conhecimento através das várias formas de educação que estão presentes no cotidiano das pessoas. Não há uma única forma, nem um único modelo de educação, mesmo tendo as escolas como suporte principal para que a educação formal aconteça, sendo desta forma, a educação para a vida, totalmente descentralizada do sistema escolar e da figura do(a) professor(a).

Para Brandão (2004), não há um modelo único de educação e nem um lugar específico para que a mesma aconteça, a educação não se efetiva somente através da escola e nem o responsável por ensinar é somente o professor, em face disso: “A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário, como trabalho ou como vida.” (Brandão, 2004, p. 10). Portanto, considera-se um espaço importante para se pensar práticas e conteúdos educativos, não necessariamente dentro da lógica escolar.

A prática de educar pode acontecer em qualquer lugar, não precisa ficar restrita somente ao espaço educacional, destaca Brandão (2004, p. 13), ao afirmar que: “A educação existe onde não há escola e por toda parte podem haver redes de estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado”.

Existem vários espaços onde podem ser desenvolvida e praticada a educação não escolar, como destaca Gohn (2005):

Os espaços onde se desenvolvem ou se exercitam as atividades da educação não-formal são múltiplos, a saber: no bairro-associação, nas organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nas Organizações Não-Governamentais, nos espaços culturais, e nas próprias escolas, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa etc. (GONH 2005, p. 101).

Nesse sentido, os espaços precisam ser criados e pensados para se efetivar a prática educativa, pois, na educação não-formal é a experiência das pessoas que trabalham em coletividade que gera um grande aprendizado, onde a vivência traz conhecimentos que contribui muito para sua efetivação. Compreendo que na vivência dos ribeirinhos de Miracema essa é uma questão importante.

De acordo com Libâneo (2004, p. 89) “A educação não-formal, por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas.”

Assim, a educação não-escolar é fundada numa visão ampliada de educação, que mesmo sem trabalhar no âmbito escolar, acontecem práticas educativas, pedagógicas, situações de aprendizagens elaboradas pelas pessoas nos lugares onde vivem.

Comprendemos como Oliveira e outros que partem do pressuposto de que “processos educativos são inerentes e decorrentes de práticas sociais”, esse é o ponto de partida fundante da reflexão acerca da educação não-escolar. Neste sentido, torna-se importante “compreender como e para que as pessoas se educam ao longo da vida, em situações não escolarizadas, assim como o de apreender a influência desses processos nas aprendizagens escolares” (OLIVEIRA, 2009, p. 3). Essa autora complementa essa ideia defendendo que:

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA, et al, 2009, p. 4)

As práticas e saberes dos ribeirinhos de Miracema do Tocantins, são práticas sociais e evidenciam as identidades dessa população e sua resistência às adversidades (Brito, 2018; Rodrigues & Medeiros, 2024).

Dentro deste contexto, este trabalho propõe uma contribuição na área da educação não-escolar, ao evidenciar a educação não-escolar dos ribeirinhos que residem na parte norte de Miracema do Tocantins, margeando os rios Tocantins e Providência.

2.2 História de Miracema do Tocantins

Consideramos importante situar a conversa acerca dos ribeirinhos de Miracema, mesmo que brevemente, no contexto da formação histórica e social do território do Tocantins e da própria cidade.

A criação do Estado do Tocantins é um fato político recente (1989). Para entendermos sua formação precisamos buscar elementos na história da ocupação de Goiás, antes da divisão do estado. A literatura e a história oral local dão conta de que Miracema já existe desde meados da década de 1920 com pessoas trabalhando no plantio de cana-de-açúcar, usada para a fabricação artesanal de açúcar e, um pequeno comércio para compra da produção dos sertanejos da região, servindo ainda como apoio aos viajantes que por aqui passavam em direção ao garimpo de Piaus.

De acordo com Oliveira (2013, p. 40-41):

A formação e ocupação do espaço e do território que hoje forma o Tocantins (antigo norte goiano) carece de estudos que sejam capazes de dizer o contraditório presente e negado nesse processo de ocupação e formação de seu território historicamente situado na constituição e ocupação do espaço nacional e suas inter-relações com as distintas regiões brasileiras. Ainda hoje os discursos sobre esta região são permeados pela ideia de vazio demográfico e pela imensidão territorial. (OLIVEIRA, 2013, p. 40-41).

Lira (2011, p. 78) apresenta perspectiva de que “A geografia-histórica do Tocantins, inicia com o período da mineração na Capitania de Goiás que se compunha com as terras de Goiás às do novo Estado do Tocantins, as terras da região de Carolina (MA) e as terras da região de Conceição do Araguaia (PA)”. Diz ainda citando Dolles (1973), que o processo de ocupação do território tocantinense:

(...) nesta vastíssima região foi feita através de duas vertentes: a vertente norte-sul, pelos franceses que estavam alojados nas terras do atual Estado do Maranhão. Estes subiram o rio Tocantins por volta de 1630 (Rodrigues, 1945) em busca de ouro. A outra vertente é a mais conhecida, foi feita no sentido sul-norte pelas Bandeiras

Paulistas, que penetraram por Goiás e chegaram ao Tocantins em 1608-1613 (LIRA, 2011, p. 78).

Outra contribuição importante para entender esse processo é de Carneiro (1988, p. 42). Para essa autora o processo de ocupação de Goiás pode ser dividido em três fases:

A primeira fase vai da conquista do território e descobrimento das minas auríferas e sua exploração até o ano de 1780, a que se seguiu um processo de regressão à agricultura de subsistência, marcado por um vazio demográfico e um isolamento quase total do restante do país (p. 41).

A segunda fase da ocupação do Estado iniciou-se nas primeiras décadas do século XX, com a crise de preços do café no mercado externo a partir de 1897 e com a chegada da estrada de ferro em 1913 (p. 41).

A terceira fase da ocupação de Goiás, ou seja, a de modernização da grande propriedade, que ocorreu em dois períodos: de 1950 a 1967 e de 1967 até hoje.

Especificamente em relação ao território que hoje forma o Tocantins, Oliveira (2013, p. 43), diz que:

Na parte norte de Goiás, que hoje constitui o Estado do Tocantins, a mesma lógica fundamentou seu processo de ocupação. Embora o ciclo do ouro seja um elemento que contribuiu nesse processo, não se deve invisibilizar as populações indígenas que viviam nesta parte do território. A busca do ouro foi empurrando os povos indígenas (mas não sem conflitos) para as áreas mais isoladas, e neste movimento foi se fortalecendo uma agricultura tradicional e a criação de gado. Não é uma ocupação espontânea e sim dirigida, articulada com os interesses dos grupos dominantes daquele contexto, no Brasil e na Coroa.

Brito (2018, p. 34) afirma que:

A ocupação do território tocantinense foi orientada por dois rios, a saber, o Tocantins e o Araguaia. A primeira ocupação não indígena aconteceu no lugar denominado “chapada dos Negros”, em 1731 e, posteriormente, 1734, no sopé da serra da Natividade, denominado de São Luís. Dois lugares afastados do curso do rio Tocantins, mas próximos de seus dois afluentes, o rio Paraná e o Manoel Alves da Natividade, que possibilitaram a navegação no transporte de sujeitos envolvidos nos garimpos e mercadorias que adentraram o sertão do antigo norte de Goiás. (BRITO, 2018, p. 34).

A ocupação e formação dessa região não ocorrem separadas das ações do Estado. Elemento importante, neste contexto, e que teve desdobramentos para a cidade de Miracema foi a construção da BR-153, como diz Oliveira (2013, 9.55) que:

A construção da BR-153, a Belém Brasília, colocou a região norte de Goiás em outra possibilidade de dinâmica produtiva, passando a viver intenso processo de busca por terras por parte de migrantes do sul-sudeste e do próprio sul de Goiás, haja vista que esta região (Tocantins) era formada por grandes áreas de terras devolutas, ocupadas por posseiros, por populações indígenas e teoricamente estavam ‘disponíveis para a formação do rentável mercado de terras e de conflitos’, pois ainda era marcante a predominância da população rural nesta região. A construção da Rodovia Belém-Brasília trouxe novos fluxos migratórios para a região e Miracema foi uma das cidades que recebeu muitas influências, tanto no incipiente comércio situado na área urbana,

com novos produtos, como nas novas formas de vida trazidas pelas pessoas que chegavam (OLIVEIRA, 2013, p. 55).

A construção da Belém-Brasília trouxe impactos importantes para a população de Miracema, principalmente para as populações ribeirinhas, como afirma Oliveira (2013, p.58):

A construção da BR-153 representou para o antigo norte de Goiás, atual território do Estado do Tocantins, grandes transformações de cunho social, cultural, econômico e ambiental. A rodovia foi sem dúvida, o caminho de abertura para a expansão da fronteira agrícola, além de ter contribuído enormemente para que o Tocantins saísse do isolamento. Com a implantação da rodovia, foi esfacelada a estrutura de transporte fluvial utilizando-se o rio Tocantins e Miracema perdeu muito com isso, na medida em que era uma referência desse tipo de transporte até aquele momento. (OLIVEIRA, 2013, p. 58).

De acordo com Oliveira (2013, p. 40-41):

O município de Miracema do Tocantins está localizado na região central do Tocantins e é a sede da 7ª Região Administrativa do Estado, situado à margem esquerda do rio Tocantins e distante 80 km da Capital do Estado, Palmas; possui uma população de 20.684 habitantes, sendo 17.937 no meio urbano (86%) e 2.747 no meio rural (14%), possui 2.656,1 km² e uma densidade demográfica de 7,79 habitantes, conforme dados do Censo Demográfico do IBGE (2010); limita-se ao norte com o município de Guaraí, ao sul com os municípios de Porto Nacional e Paraíso do Tocantins, a oeste com os municípios de Miranorte, Araguacema, Barrolândia e Divinópolis e a leste com o município de Tocantínia. (OLIVEIRA, 2013, p. 40-41).

Miracema é uma cidade que tem sua história oficial situada na década de 1920 (embora muito antes desse período já viviam nesta região vários povos indígenas) e, assim como o Estado do Tocantins, deve sua existência aos homens e mulheres que migraram do Maranhão, Pará, Piauí, Pernambuco, e Bahia na busca de melhores pastagens para a criação de gado bovino e para o comércio dos poucos produtos agrícolas produzidos, considerando sua condição de cidade localizada às margens do Rio Tocantins e ponto de passagem para quem negociava com a ‘Praça de Belém’.

A origem do nome (Miracema), etimologicamente vem do latim, verbo “MIRARE = ver, olhar” + o sufixo tupi guarani, “CEMA= água”, daí Miracema, a cidade que mira a água do rio, no caso aqui, o rio Tocantins. Essa ideia de mirar as águas que passam sempre esteve muito presente nas experiências e na vida dos moradores da cidade de Miracema, particularmente por conta das grandes enchentes que ocorriam no rio Tocantins, antes da construção das usinas hidrelétricas. Nesse período, enquanto as águas subiam, muitas vezes inundando a cidade, as pessoas estavam sempre às margens vendo as águas subirem. A última grande enchente ocorreu no ano de 1980/81.

2.3 Populações Ribeirinhas de Miracema

Os dois principais rios que passam pelo Tocantins são o Rio Tocantins e o Araguaia. Desde o início da ocupação da área onde hoje é formado o município de Miracema do Tocantins formaram-se povoados na beira do Rio Tocantins que passaram a usar os recursos hídricos e da terra às margens do rio para sua subsistência. Esse povo passa a ser chamado de povo Ribeirinho, e se deslocaram de acordo com as cheias e secas do Rio Tocantins.

Por outro lado, a Bacia do Rio Providência é uma das 14 sub-bacias do Rio Tocantins, e é mais voltada para a pastagem e produção agrícola de soja, milho e sorgo, além do cultivo de abacaxi. Essa área é muito importante para a economia da região (IBGE, 2017).

Segundo Miranda (2016), Miracema é tida como uma cidade ribeirinha, considerando que ela se inicia às margens do Rio Tocantins e que seu centro é próximo deste rio. De acordo com Brasil (2024), o conceito de Ribeirinhos se resume em:

Famílias que vivem nas margens dos rios, nas terras de várzea (em contraposição a ideia de terra firme – o que não significa que eles não estabeleçam uma relação com essas áreas). Estão presentes em todo território brasileiro. Sua vida social se organiza em torno dos rios, sendo a pesca uma atividade central na vida dessas famílias. O rio é desde meio de transporte até fonte de vida. Essas comunidades tem uma relação tanto material quanto simbólica com o rio. No entanto, vivem entre o rio e as florestas ou as matas, vivendo também da roça, do extrativismo e da caça. Assim o mundo das águas e da terra estão presentes na vida dessas comunidades (BRASIL, 2024).

Em relação à educação não-escolar, ela desempenha um papel fundamental na construção e preservação dos saberes de populações que vivem às margens dos rios. Estudos sobre populações ribeirinhas, como as que vivem ao longo dos rios Tocantins e Providência, mostram a relevância de valorizar as práticas culturais dos ribeirinhos para compreender sua relação com o território e com os rios (Brito & Silva, 2021; Santos, 2014). Nesse contexto, a educação não-escolar é relevante, pois mostra mais a fundo acerca dos saberes e práticas que vão além da educação formal, englobando ensinamentos que são transmitidos em contextos familiares, comunitários e ambientais (Minayo, 2002).

As práticas culturais dos ribeirinhos de Miracema do Tocantins evidenciam sua identidade e a importância da interação entre o ser humano e o meio ambiente, por meio da sustentabilidade e resistência cultural em meio a mudanças ambientais como, por exemplo, as cheias no tempo das chuvas (Brito, 2018; Rodrigues & Medeiros, 2024).

De acordo com Brito (2018):

A relação ribeirinha com o rio Tocantins era/é de afeto e de dependência. Este depende da pesca, da coleta de frutos e da fertilidade do solo para sobreviver. também o rio

era/é seu principal meio de transporte, por meio do qual o ribeirinho leva (va) sua produção para vender nas cidades mais próximas (BRITO, 2018).

Brito & Almeida (2017) afirma que “O rio Tocantins é um lugar simbólico. O rio para as crianças é/era local de brincadeira. [...] com o passar do tempo ele se transforma, se configura em lugar de trabalho, de lidas cotidianas, onde busca prover as necessidades e o sustento da família” (BRITO; ALMEIDA, 2017, P. 52).

O processo de produção a partir do uso dos recursos retirados do meio ambiente alinha interesses socioeconômicos e culturais, lhes garantindo alimentação, trabalho, renda e melhor qualidade de vida (PLOEG, 2009).

A pesca e o cultivo são as principais atividades realizadas pelos ribeirinhos do Rio Tocantins, geralmente eles utilizam as duas práticas de maneira complementar, de modo a complementar a renda. A maior parte da pesca artesanal praticada pelos ribeirinhos do Rio Tocantins, de acordo com Corrêa (2017), cerca de 75% torna-se parte de fonte de alimentos para as famílias ribeirinhas. De acordo com Marques et al. (2020), a maior parte do pescado realizado pelos ribeirinhos ainda é para sua própria subsistência.

O cultivo de melancia, abóbora, banana e entre outras frutas e hortaliças é muito importante para os ribeirinhos que utilizam da produção desses alimentos para a própria subsistência e o excedente é vendido nas duas principais feiras de Miracema. Tal plantio é facilitado por conta da riqueza da fertilidade do solo. De acordo com Brito (2018), “As áreas férteis no entorno do rio eram bem diferentes da imensidão dos solos pobres nos chapadões do Cerrado, áreas que, com as técnicas de plantio disponíveis, não produzem o suficiente para garantir a alimentação e a venda do excedente da produção”.

Os ribeirinhos enfrentam diversas dificuldades como, por exemplo, a instalação de hidrelétricas que prejudicam a reprodução de peixes, assoreamento e a pesca predatória (SANTANA et al. 2014).

Os ribeirinhos enfrentam desde o início, diversas adversidades, como a degradação ambiental causada pela intensificação do manejo de algumas variedades de plantas, a grande cheia da década de 80 que ocasionou o alagamento de grande parte da “Cidade Baixa” de Miracema, falta de infraestrutura para a comercialização, e as variações climáticas que afetam a produtividade agrícola e pesqueira (Rodrigues; Medeiros, 2024). Essas dificuldades exigem adaptações constantes para garantir a subsistência e a preservação do modo de vida tradicional.

De acordo com Brito (2018), as hidrelétricas são vistas pelos ribeirinhos:

[...] como uma problemática para sua permanência no lugar. É preciso resistir no território. O território ribeirinho é formado por identificação dos sujeitos com o rio,

antes uma posse do mesmo. São lugares da pesca diária ou semanal, do ócio da família nos finais de semana ou nos intervalos do trabalho (BRITO, 2018, p. 37).

Essas características e adversidades foram responsáveis por formar a identidade e a Resistência Ribeirinha. A Resistência Ribeirinha é formada desde quando foram formadas, no sentido que houve a resistência em permanecer às margens dos rios Providência e Tocantins mesmo depois dessas adversidades (Brito, 2018).

3 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

3.1 Condições de vida

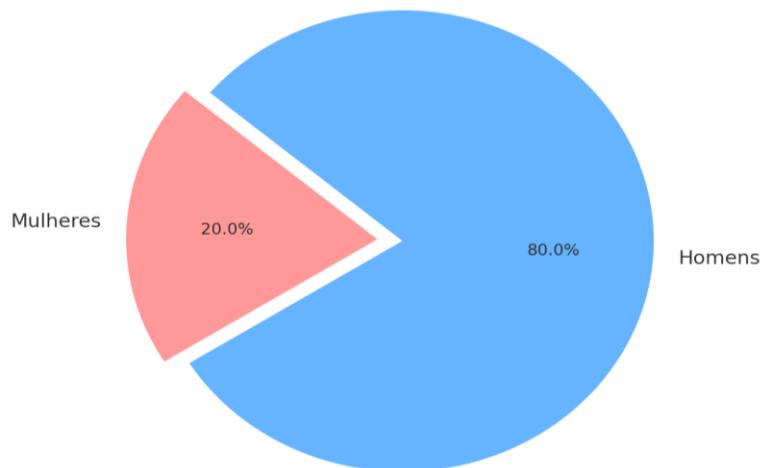
No escopo da pesquisa, foram entrevistados dez ribeirinhos que relatam parte de suas trajetórias de vida às margens da vazante, o que evidencia histórias de resistência, luta pela identidade ribeirinha e pela subsistência de suas famílias.

Os relatos acumulados ao longo da pesquisa mostram muito mais do que as dificuldades do dia a dia, como lidar com as mudanças do rio, a falta de recursos e a ausência de apoio do poder público. Eles trazem, acima de tudo, a força e resiliência que vem da união da comunidade, dos conhecimentos passados de geração em geração e da forte relação com a natureza.

Ao escutar cada história, fica evidente como eles mantêm vivas as práticas culturais, e as formas de cuidar da terra, da água e dos recursos, sempre de maneira respeitosa e sustentável. Além disso, aparece com muito destaque a luta constante por serem reconhecidos, tanto no território que ocupam, quanto no valor que sua cultura tem. O que reforça o quanto os ribeirinhos seguem firmes, enfrentando os desafios que vêm de fora e as mudanças que o próprio ambiente impõe, sem abrir mão de quem são e do jeito de viver que escolheram preservar.

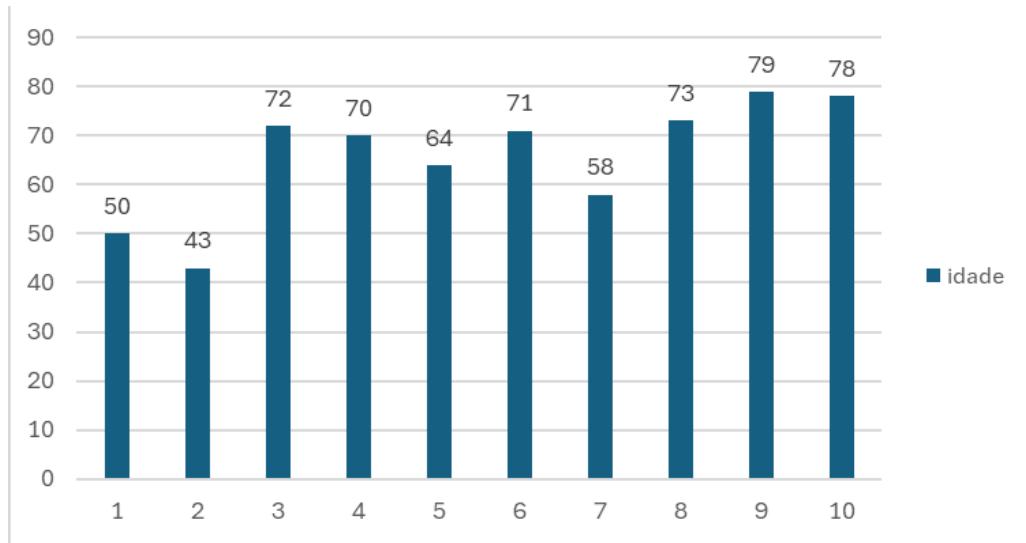
No âmbito da análise de dados, observou-se uma predominância do gênero masculino, totalizando, 8 homens e apenas 2 mulheres, como é evidenciado no gráfico 1, abaixo:

Gráfico 1 - Distribuição de gênero na comunidade Ribeirinha



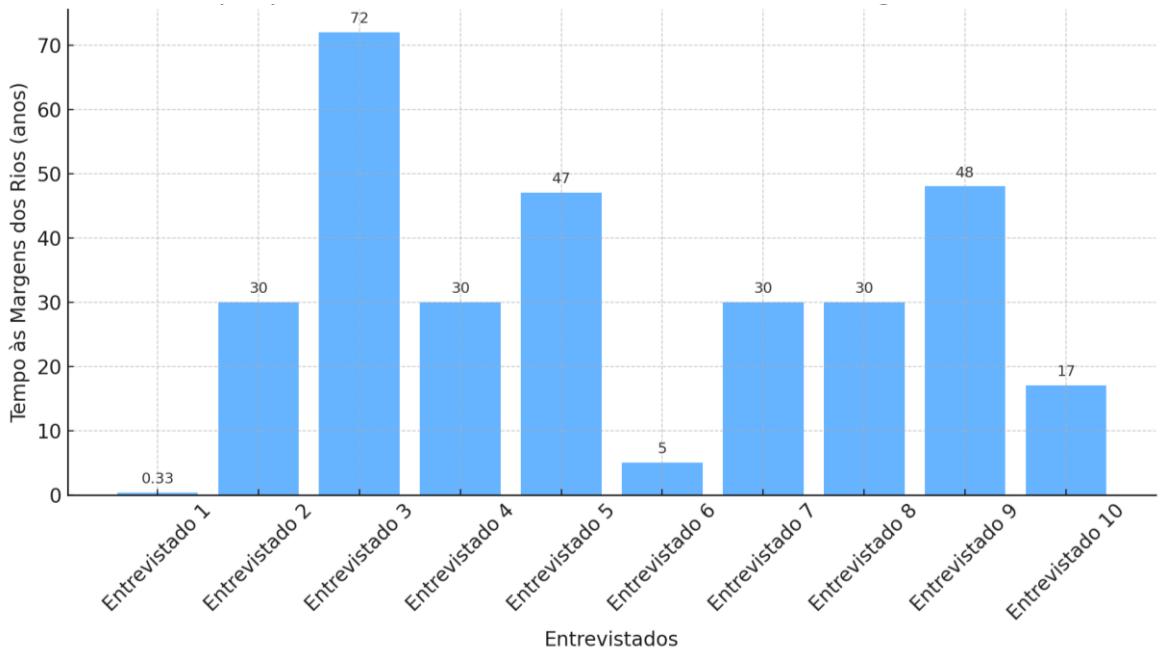
O gráfico 2, evidencia que há uma grande concentração de entrevistados com mais de 60 anos. Dos entrevistados, 7 estão nesta faixa etária (Entrevistados 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 10), o que sugere que a comunidade ribeirinha tem uma população significativamente envelhecida.

Gráfico 2 - Faixa etária dos moradores da comunidade



Fonte: (Autor, 2025)

Gráfico 3 - Tempo de Moradia na comunidade Ribeirinha



Fonte: (Autor, 2025)

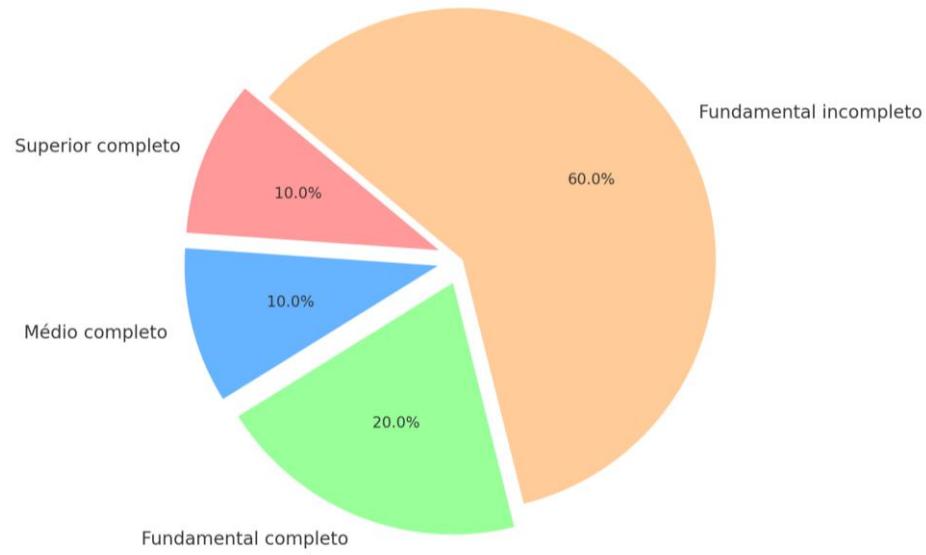
Quanto ao tempo de moradia na comunidade, a análise dos dados revela informações interessantes. Ao analisar o Gráfico 3, é possível perceber que muitos dos atuais moradores vivem na comunidade há aproximadamente 30 anos. Esse dado se conecta diretamente a um episódio marcante ocorrido no final da década de 1980, quando ocorreu a enchente que atingiu áreas ribeirinhas. Na época, diversos antigos moradores, diante dos prejuízos causados pela enchente, optaram por vender suas terras. Foi nesse contexto que parte dos ribeirinhos que hoje residem na comunidade adquiriram seus terrenos e passaram a construir ali suas histórias de vida.

Outro dado importante é em relação ao entrevistado 1 que mora há pouco tempo às margens do Rio Tocantins. O entrevistado mora na cidade, e utiliza a sua terra apenas para lazer. Isso evidencia o que muitos dos entrevistados relataram, que parte dos ribeirinhos originais passaram a vender suas terras e quem está comprando não utiliza a terra para atividades ribeirinhas características ligadas diretamente à natureza como plantio e pesca, apenas para lazer e recreação nos finais de semana.

Essa transformação gradual dá indícios do risco da cultura ribeirinha se perder, por conta do enfraquecimento das práticas e da identidade ribeirinha, que gradualmente vem sendo substituída por atividades de lazer nos finais de semana.

Quanto ao nível de escolaridade, evidenciado no gráfico 4, foi observado que a maioria (60%) dos ribeirinhos possui ensino fundamental incompleto, 10% dos entrevistados possui ensino médio completo, e apenas 20% concluíram o ensino fundamental. Esse dado evidencia uma característica comum das comunidades ribeirinhas, que ao longo do tempo, a educação formal foi limitada por fatores como distância das áreas urbanas, necessidade de ajudar os pais nas atividades de subsistência desde cedo e dificuldade de transporte. Esse dado também evidencia a necessidade de levar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para esses ribeirinhos, que, quando jovens, não tiveram essa oportunidade devido a essas dificuldades. Assim, torna-se essencial a criação de um projeto público que promova o acesso à educação formal e gere novas oportunidades para a comunidade.

Gráfico 4 - Nível de escolaridade



Fonte: (Autor, 2025)

Uma análise importante, a partir do relato dos ribeirinhos que tiveram filhos, foi que a maioria dos seus filhos conseguiu concluir os estudos, provavelmente relacionada ao avanço da educação nas últimas décadas que ampliou o acesso à educação, diferentemente dos pais que não tiveram as mesmas oportunidades.

Em relação aos 10% dos ribeirinhos que fizeram superior completo, representa aqueles moradores que fazem parte do êxodo de pessoas que compraram as terras recentemente e que utilizam as terras apenas para lazer.

3.2 Infraestrutura e poder público

Em relação ao tamanho das terras ribeirinhas, por hectares, foi observado que a maioria (80%) das terras foram adquiridas por meio da compra, e apenas 20% através de posse. Quanto ao tamanho das terras foi observado que a maioria dos ribeirinhos possuem terras pequenas, com média de aproximadamente 1,9 hectares (ha), conforme evidenciado na tabela 1, abaixo:

Tabela 1 - Tamanho das terras ribeirinhas por hectares (ha)

Entrevistado	Tamanho da Terra (ha)
1	0,65

2	3
3	2,4
4	2,42
5	2,42
6	0,25
7	1,5
8	2,4
9	1,21
10	0,65

Fonte: (Autor, 2025)

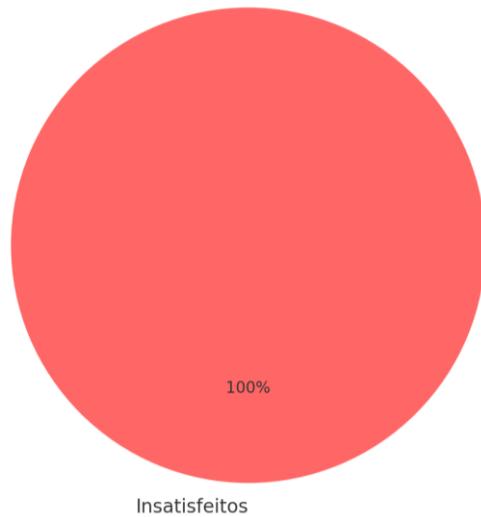
A infraestrutura das moradias é simples, sendo algumas das casas feitas de palha e outras de tijolo e cimento. A maioria das casas são distantes da margem dos rios, estrategicamente posicionadas para evitar que quando o rio fique com um volume de água elevado, como já aconteceu antes, a água não entre nas casas.

Alguns dos ribeirinhos relataram que ao longo dos anos tiveram que reconstruir suas casas mais de uma vez, por causa das cheias do rio que são controlados pela Usina hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães que fica próxima à área da comunidade. Um dos ribeirinhos relatou na entrevista que na grande cheia que teve no ano de 2021, sua casa foi derrubada, ele perdeu vários eletrodomésticos e ele e sua família tiveram que sair da sua terra. Outro ribeirinho afirmou que “Foi [sic] sete casas que a barragem levou. Aí, quando o rio secava, eu as fazia de novo [...]” (ENTREVISTADO 9).

Nesses dois casos, tanto a empresa responsável pela usina hidrelétrica quanto o poder público não ofereceram assistência aos ribeirinhos, que sofreram perdas que vão além do aspecto material. O que esses dois relatos têm em comum é a resistência ribeirinha em sobreviver em meio às adversidades.

De acordo com o gráfico 5, 100% dos ribeirinhos demonstram insatisfação com a usina hidrelétrica.

Gráfico 5 - Percepção dos ribeirinhos com os impactos da Usina



Fonte: (Autor, 2025)

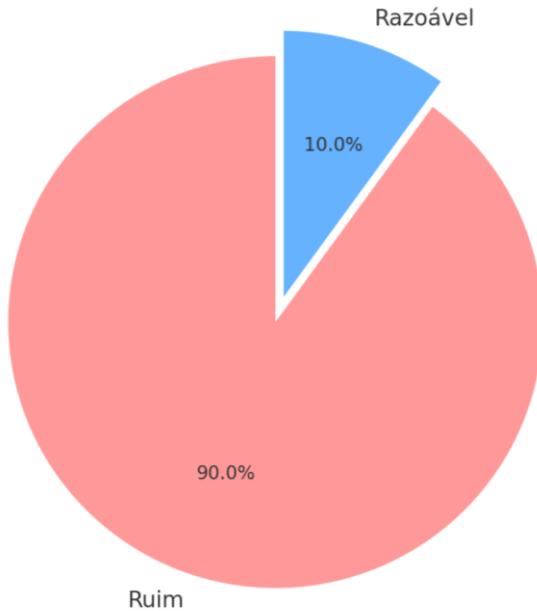
De acordo com Investco (2024) a Usina hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães fica entre Lajeado e Miracema, foi instalada no ano de 2001, e desde lá vem trazendo insegurança aos habitantes, e prejuízos nas lavouras, no pescado e nas casas dos ribeirinhos.

Muitos relataram que temem pelas suas vidas e de suas famílias, pois têm medo da barragem romper ou das grandes cheias causadas pela abertura das comportas da usina. Sempre quando eles abrem as comportas, não avisam a comunidade próxima como um entrevistado relata “É, correndo risco. Porque quando ele solta água [...] Aí tem outra coisa, não avisam” e ainda:

“Porque nós acompanhava [sic] a enchente [...] Tinha um mês certo dela encher. E nós sabíamos assim, a enchente, né? Porque a enchente de Deus, ela não é assim pra te expulsar, pra te mandar embora. Ela vai enchendo, vai enchendo, vai acompanhando ela. E da barragem não. Da barragem se tu vacilar, Deus livre, vai descarregar com tudo.” (ENTREVISTADO 2).

Existe uma estrada de terra que liga a parte urbana de Miracema às comunidades ribeirinhas, porém está em condições precárias, cheias de buracos e crateras que dificultam a locomoção dos ribeirinhos. Quando perguntado o que os ribeirinhos achavam da estrada, a maioria (90%) afirmou que estava ruim, e apenas um entrevistado (10%) afirmou que estava razoável, conforme é evidenciado no gráfico 6 abaixo:

Gráfico 6 - Percepção dos entrevistados sobre a estrada

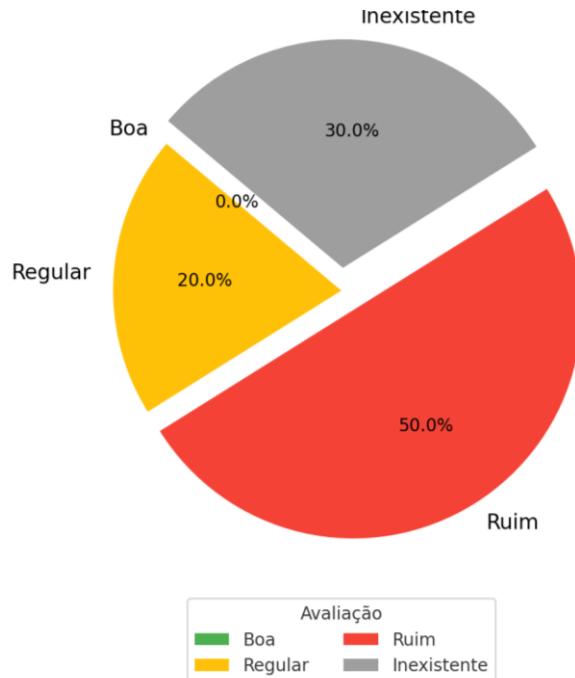


Fonte: (Autor, 2025)

Eles relataram que, há muito tempo, esperam uma solução por parte da prefeitura municipal. Muitos dos entrevistados sugeriram que o poder público deveria colocar pelo menos um cascalho na estrada para melhorar a locomoção até a cidade e garantir mais segurança.

Um relato interessante que os ribeirinhos contaram foi que, antes dessa estrada, para se deslocar para a cidade era por meio de uma trilha estreita, e eles só conseguiam passar por essa trilha indo a pé. Um ribeirinho afirmou que nessa época eles levavam “as coisas nas costas, lá para cima, para poder ir vender na rua, que aqui não entrava nada” (ENTREVISTADO 9). Outro afirmou que a outra alternativa para ir à cidade, para vender o que eles produziam, era de canoa, e ao chegar no Ponto de Apoio, utilizavam uma pequena balsa, de lá, contratavam frete com charreteiros que levavam os produtos até o mercadão. Com o tempo, o mercadão foi fechado para dar lugar ao shopping, o que trouxe muita tristeza para ele, pois acabou com o grande movimento e as vendas na região (ENTREVISTADO 2).

Gráfico 7 - Avaliação da presença do poder público na Comunidade Ribeirinha



Fonte: (Autor, 2025)

Quando perguntado como os entrevistados avaliam a presença do poder público na comunidade, a maioria afirmou ser inexistente (30%) ou ruim (50%), e apenas 20% afirmou que é regular, como é evidenciado no gráfico 7. Chama a atenção que predominou avaliações negativas, devido ao sentimento de abandono, e a ausência de respostas positivas (nenhuma pessoa avaliou a ação do poder público como boa).

Os ribeirinhos afirmam que não há um olhar para a sua comunidade e que muitos políticos vão até as suas terras apenas na época da política, prometem melhorias e, após as campanhas, essas promessas não se concretizam.

Em relação a serviços públicos básicos como saúde, segurança e educação, os ribeirinhos afirmaram que o único desses serviços que estão satisfeitos é com a saúde. Eles disseram que o poder público manda uma vez por mês um médico para a comunidade, mas que não é informado com antecedência o dia que ele vem. Em relação à educação, as crianças ribeirinhas têm acesso à educação.

Os ribeirinhos não se sentem amparados pelo poder público no âmbito da segurança, pois a presença do policiamento é inexistente, o que faz com que eles se sintam vulneráveis a furtos, conflitos territoriais, crimes ambientais e outros tipos de violência. Um dos entrevistados afirmou que:

“[...] tinha que a gente ter uma segurança, polícia mesmo, de vez em quando andasse por aqui, que no interior é perigoso. E nada disso não tem. Então é isso que eu falo. Aí já fomos atacados dessa vez (por ladrões), a outra vez vieram, cerraram a corrente da casa, porque a gente é fraco de condição, não tem condição de ter uma casa boa” (ENTREVISTADO 4).

Essa realidade de ausência de segurança reforça o sentimento de abandono constante que os ribeirinhos sentem em relação ao poder público.

Quando perguntado aos ribeirinhos quais melhorias eles gostariam que fossem implementadas na comunidade as respostas variaram entre: uma maior presença do poder público na comunidade; água encanada; uma estrada melhor; e fornecimento do serviço de trator para a preparação da terra e plantio.

A falta de água encanada foi um dos principais tópicos levantados pela comunidade ribeirinha. O acesso à água potável ainda é uma realidade distante para eles, demanda essa que é constantemente cobrada aos gestores locais, e não é atendida. Sem água encanada, tarefas básicas como cozinhar, plantar, lavar roupas e beber água se tornam difíceis. Como as águas do rio podem estar contaminadas, os ribeirinhos veem a necessidade de trazer água da rua em galões, como é relatado por um entrevistado, “Água para a gente beber, só trazendo na cidade. Por que primeiro não tinha energia, até que lutamos e lutamos até termos. (ENTREVISTADO 9). Essa questão é alarmante, pois ter acesso à água potável encanada é uma questão de dignidade, saúde e qualidade de vida.

Essas demandas refletem necessidades básicas, que ainda não são atendidas e que impactam na qualidade de vida dessas famílias. Com essas demandas eles expressam o sentimento de permanecer em seu território com dignidade, preservando a cultura ribeirinha e garantindo sua subsistência.

O que podemos observar através da análise é que, a luta das famílias ribeirinhas por seu direito de resistir não tem engajamento do poder público. Ao buscar diversos meios de se fazerem ouvidos, os ribeirinhos de Miracema do Tocantins pressionam constantemente o poder público para atender às suas demandas, que não são atendidas.

3.3 Atividades de subsistência

As atividades de pesca e cultivo para as famílias ribeirinhas são essenciais para sua subsistência, identidade cultural, e preservação do meio ambiente. Os conhecimentos relacionados à pesca e ao cultivo são passados de geração em geração, a fim de preservar o conhecimento tradicional ribeirinho.

Os relatos dos ribeirinhos evidenciaram que predomina a atividade de cultivo em detrimento da pesca. A prática do plantio é de extrema importância para a comunidade ribeirinha como é evidenciado na fala de um de seus integrantes: “A gente tem que plantar para sobreviver. Se não plantar nada, o que é que está fazendo no mundo? Não está fazendo nada” (ENTREVISTADO 3).

Entre as famílias ribeirinhas há todo um planejamento e divisão de tarefas entre os membros quando se inicia um novo ciclo de plantio e colheita. Os ribeirinhos de Miracema plantam diversas variedades de legumes, frutas e hortaliças como, por exemplo, maxixe, abóbora, feijão, melancia, mandioca, banana, hortaliça, milho, quiabo e entre outros. Além disso, alguns deles também criam animais, principalmente galinha e também produzem farinha.

O plantio na comunidade é realizado por meio de um ciclo, em que primeiro eles capinam a área, depois queimam os matos e as ervas daninhas em seguida plantam as sementes. As técnicas ancestrais de plantio das famílias ribeirinhas são voltadas para o respeito com fases da lua, eles seguem à risca a lua e as cheias do rio. Geralmente as famílias ribeirinhas plantam na lua cheia e evitam plantar nas partes alagadas. Esses conhecimentos fazem parte do chamado saber popular ribeirinho.

Cada variedade de hortaliça, fruta ou vegetal tem sua época certa para plantio, o plantio da melancia, por exemplo, é em abril, já no mês de junho os ribeirinhos começam a colher o feijão e a melancia.

A prestação de serviços de trator pela esfera pública era, no passado, fundamental para o cultivo dos ribeirinhos. De acordo com relatos, os tratores chegavam sempre no tempo certo, para preparar a terra para o cultivo. Além do preparo da terra, a prefeitura também fornecia sementes e adubo, garantindo condições básicas para o plantio. Porém, recentemente esse serviço foi interrompido pela prefeitura, e mesmo demandando o serviço de trator novamente a prefeitura não os ouviu, e hoje eles têm que sozinhos preparar a terra, sendo que muitos desses ribeirinhos são idosos e veem a necessidade de pedir ajuda a terceiros.

A pesca ribeirinha é a principal proteína animal para muitos dos ribeirinhos e também movimenta a economia regional de Miracema, e em comparação com a pesca de empresas pesqueiras é menos agressiva ao meio ambiente. Na comunidade a pesca é realizada com redes, vara ou linha. Entre as variedades de peixe que há nos Rios providência e Tocantins, podemos citar Caranha, piabanha, surubim, piau, cachorra, dourada e outras.

O período de defeso, no qual os peixes se reproduzem, ocorre entre os meses de novembro a fevereiro. Nesta época, os ribeirinhos que pescam nos rios passam a interromper a

atividade ou pescam, apenas para consumo. Durante esse período eles não possuem renda através da pesca, e não recebem nenhum auxílio do poder público como forma de apoio.

Importante salientar que o benefício do seguro-defeso é destinado de forma exclusiva aos pescadores profissionais artesanais devidamente registrados, não abrangendo os ribeirinhos.

Em muitos relatos os ribeirinhos abordaram sobre os prejuízos causados pela construção da Usina hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, impactando negativamente a qualidade e quantidade do pescado e cultivo. Um entrevistado afirmou que antes da usina ele colhia cerca de 200 litros de feijão e hoje ele colhe apenas algumas unidades de litros de feijão (ENTREVISTADO 4). Outro afirma:

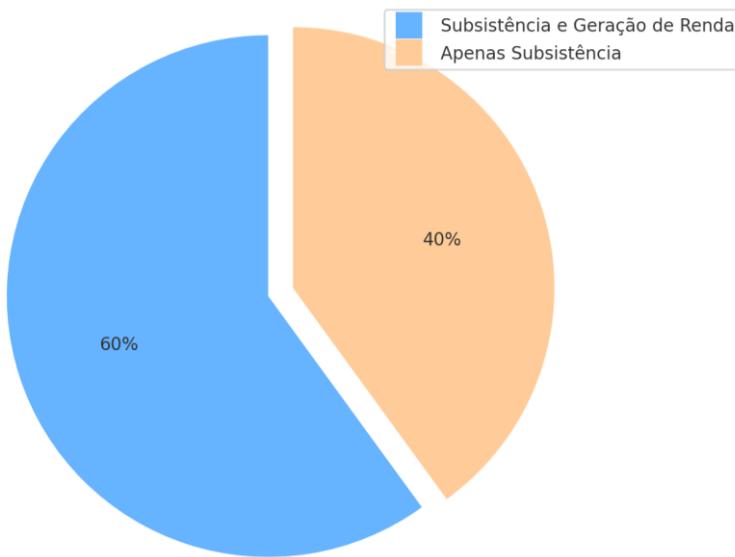
“Antes da barragem, a gente sabia controlar as cheias do rio, que era mandado pela natureza. E agora a cheia do rio é controlada pelos homens. Tem dia que nós planta [sic] na beira do rio e lá se vem [sic] a água. E com a água destrói, nós não tem ressarção [sic] nenhum, nós não recebe benefício” (ENTREVISTADO 7).

Além disso, os ribeirinhos também relatam que, com a instabilidade constante das águas do rio, que são controladas pela usina, ocorre erosão e remoção do adubo do solo, o que dificulta o plantio. Esse cenário contrasta de forma alarmante com o período anterior à construção da usina, quando as cheias dos rios eram naturais e previsíveis. Nessa época, era possível prever com precisão quando o rio iria encher ou secar, adaptando assim, o ciclo de cheias ao ciclo de plantio. Além disso, as cheias naturais fertilizavam o solo com adubo facilitando o plantio.

A construção da usina também impactou negativamente a pesca na região, reduzindo drasticamente a quantidade de peixes. Um entrevistado afirmou que “Depois das barragens pra cá, acabou. Aí o peixe foi diminuindo, e agora tá acabando mesmo” (ENTREVISTADO 3).

As atividades ribeirinhas de pesca e cultivo têm diferentes finalidades dentro da comunidade, variando para a subsistência e/ou voltadas para a venda no mercado local, para geração de renda. De acordo com o gráfico 8, pode-se observar que 60% dos casos geram algum tipo de renda para a família com as atividades de cultivo e pesca, enquanto tem dupla finalidade (subsistência e geração de renda) 40%.

Gráfico 8 - Finalidade do pescado e do cultivo



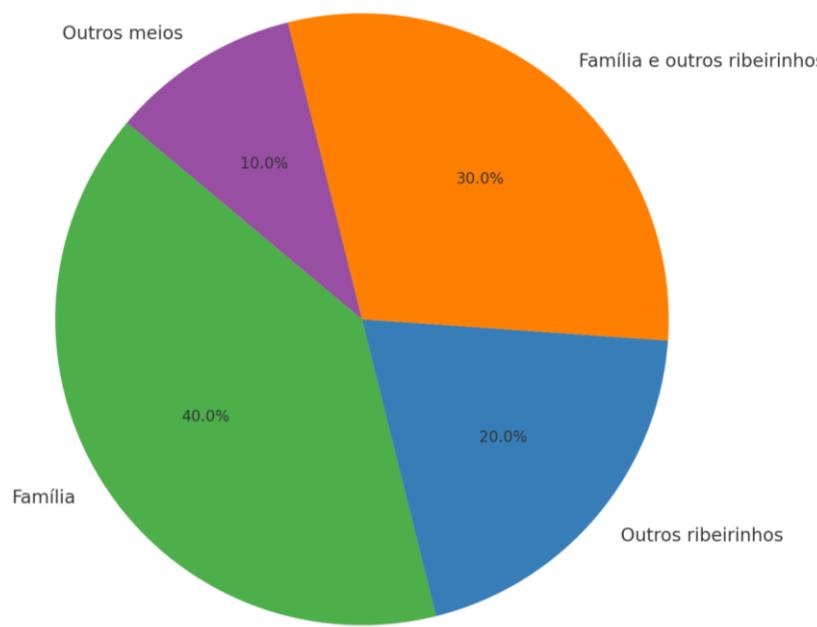
Fonte: (Autor, 2025)

3.4 Conhecimentos tradicionais

Os conhecimentos tradicionais da cultura ribeirinha são essenciais para a formação da identidade ribeirinha, e envolve conhecimentos sobre pesca, uso de plantas medicinais, plantio e estilo de vida ribeirinha. Essa educação não-escolar pode ser passada de geração em geração, entre os vizinhos e também por outros meios. De acordo com o gráfico 9, podemos observar que, a maioria dos entrevistados (75%) teve a família envolvida diretamente na transmissão de saberes tradicionais, seja exclusivamente (50%) ou em conjunto com a comunidade (25%).

A aprendizagem com outros membros da comunidade ribeirinha também é relevante, contabilizando ao todo cerca de 50% dos entrevistados, o que reforça a característica da comunidade ribeirinha de cooperação entre os membros da comunidade. Dos entrevistados, 10% afirmaram que obtiveram a educação não-escolar por outros meios, o que indica que há em menor escala a influência externa como cursos do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

Gráfico 9 - Fonte do conhecimento tradicional entre os ribeirinhos



Fonte: (Autor, 2025)

Durante os relatos chamou a atenção a cooperação entre as famílias ribeirinhas. As atividades são realizadas por meio da cooperação, todos se ajudam quando algum vizinho precisa de auxílio com alguma atividade. Essa união é essencial para enfrentar as dificuldades, seja por meio da força do trabalho, da troca de conhecimentos ou da ajuda com materiais.

Os ribeirinhos que vivem atualmente na comunidade lutam para manter essa cultura viva, porém sofrem com a ausência de políticas públicas de valorização da sua cultura e de fornecimento de serviços básicos, impactos negativos da construção da usina hidrelétrica, migração das novas gerações em busca de melhores condições de vida nos centros urbanos e entre outros fatores.

De acordo com o que foi relatado, muitos dos ribeirinhos se preocupam com o futuro da comunidade e cultura ribeirinha, pois aos poucos o uso da terra vem se transformando. Muitos dos ribeirinhos pressionados por essas dificuldades têm vendido sua propriedade para pessoas que utilizam as terras apenas para lazer em finais de semana.

Quando perguntado aos entrevistados como eles achavam que a comunidade estaria daqui 30 anos, muitos relataram que a cultura ribeirinha iria desaparecer, e ali viraria um local de lazer para a classe economicamente privilegiada de Miracema.

Esse indícios trazem uma dimensão do risco da cultura ribeirinha se perder por completo, por esses fatores que causam o enfraquecimento das práticas ribeirinhas.

4 DISCUSSÃO SOBRE OS DADOS

A educação não-escolar no âmbito da comunidade ribeirinha de Miracema do Tocantins é rica e ampla, indo além do que é trabalhado na educação formal. Os conhecimentos típicos dos ribeirinhos são voltados para a cooperação entre as famílias, a luta diária para manter a sua cultura viva e a interação com o meio ambiente.

Durante muito tempo, os saberes das comunidades tradicionais foram ignorados pelas instituições formais, como se fossem crenças infundadas ou práticas ultrapassadas. No entanto, esse conhecimento é fruto de uma convivência íntima e respeito com a natureza, de gerações que aprenderam a ler os ciclos da natureza por meio da experiência. Negar esse saber é, na prática, apagar a história, a identidade e até a própria existência desses povos (NASCIMENTO, 2013, p. 119).

O conhecimento sobre o tempo de plantio, as fases da lua, as estratégias de pesca, o uso de plantas medicinais e a leitura dos sinais da natureza compõem um saber transmitido de geração em geração, e é essencial para a subsistência e formação da identidade ribeirinha. De acordo com Arruda (2009, p.45):

As comunidades tradicionais desenvolvem formas próprias de ensinar e aprender, que não se baseiam em currículos formais, mas na vivência, na oralidade e na prática cotidiana. O saber não está nos livros, mas nas mãos calejadas, nas histórias contadas ao pé do fogão, nas trilhas abertas na mata e nos ensinamentos transmitidos ao longo das gerações. Essa educação não-escolar tem valor inestimável, pois está profundamente enraizada na realidade vivida e nas necessidades da comunidade. (ARRUDA, 2009, p. 45).

Os ribeirinhos de Miracema do Tocantins, tem sua educação não-escolar pautadas na pesca e cultivo com base no respeito com o meio ambiente. De acordo com a análise dos dados, foi observado que esse conhecimento é passado principalmente de geração em geração, mas também por meio da cooperação e troca de conhecimento entre os vizinhos, que é muito presente.

O patrimônio cultural da comunidade ribeirinha é formado pelas atividades que eles fazem no cotidiano, por meio da observação, sendo um processo contínuo. Segundo Costa (2010, p.63), “As crianças aprendem com os adultos, no roçado, na pesca, nas festas, nas conversas [...]”.

A resistência dos ribeirinhos de Miracema diante das adversidades evidencia a força de cada um deles para manter a cultura viva. Essa resistência ribeirinha, tão característica desta comunidade, continua mesmo com adversidades como a ausência de políticas públicas eficazes, e cheias constantes que dão prejuízos ao pescado e ao seu cultivo. Apesar desse abandono do

poder público, a cultura ribeirinha continua viva, como forma de sobrevivência por meio da continuidade de práticas de subsistência como o cultivo e o pescado.

Mesmo diante da marginalização e das ameaças externas, as comunidades ribeirinhas continuam a reproduzir seus modos de vida com base em seus próprios valores. A transmissão de conhecimentos é um ato de resistência, pois reafirma a importância da cultura local frente às imposições de uma modernidade que desconsidera os saberes populares. Ensinar ao filho o tempo certo de plantar, a ler o céu, a escutar o rio, é também um modo de afirmar: estamos vivos, seguimos aqui.”(SILVA, 2011, p. 88).

A prática do cultivo e da pesca são fundamentais para a manutenção da vida ribeirinha, pois garantem sua subsistência e geram renda, reforçando a troca de conhecimentos entre os membros da comunidade, ou seja, pode-se dizer que é um campo de predomínio da educação não-escolar ribeirinha.

De acordo com Castro (2008, p. 121) “A identidade das comunidades ribeirinhas está intrinsecamente ligada ao rio, à terra e à floresta. O rio é memória, é alimento, é caminho. Quando o rio sofre, toda a comunidade sente, porque dele dependem não apenas para sobreviver, mas para existir como povo”.

O respeito com a natureza é um traço marcante dessa prática de educação não-escolar, Em seu cotidiano os ribeirinhos levam muito em consideração as cheias dos rios e as fases da lua para iniciar os ciclos de cultivo, e também o início do período de defeso, para finalizar o período de pesca.

O conhecimento acerca da previsibilidade das cheias dos rios formam uma importante parte do conhecimento não-escolar ribeirinho. As cheias dos rios antes eram previsíveis e controladas pela natureza, agora é controlada pela usina, afetando a quantidade e qualidade do pescado e do cultivo. Esse fator externo afetou diretamente esse importante conhecimento não-escolar da comunidade ribeirinha. De acordo com Little (2002, p.100), “As cheias, as secas, o tempo da pesca e da colheita são parte de um calendário ancestral que guia as práticas e organiza o cotidiano. Qualquer ruptura nesse equilíbrio implica também na ruptura de saberes, afetos e modos de existir [...]”.

Do ponto de vista dos ribeirinhos, o chamado progresso trazido pelas usinas, não representa melhoria de vida, mas sim uma força demolidora. Para eles esse progresso demolidor que lhes é imposto, significa perda: da terra, do sustento, da segurança, da cultura e da identidade. De acordo com Jesus e Ertzogue (2018):

“Uma das imagens mais recorrentes na memória das comunidades atingidas por barragens é o afogamento da história. Nessas recordações, encontramos um elo para reflexão: a problemática dos lugares desaparecidos como algo que afeta não só uma comunidade que perde seu vínculo com o rio e a vivência, bem como o passado de

imenso valor afetivo; as perdas vão além dos lugares: são também perdas culturais e simbólicas.” (JESUS; ERTZOGUE; 2018)

Embora a comunidade ribeirinha desse estudo não esteja na área de impacto direto do lago da UHE de Lajeado, sabe-se que não é possível não sofrer situações perturbadoras, principalmente quando se pensa no significado das águas subirem e baixarem todos os dias independentemente do ciclo de chuvas. Segundo Bregagnol e Rothman (2014), as comunidades tradicionais impactadas pelos empreendimentos hidrelétricos:

[...] perdem o investimento feito por uma ou várias gerações na propriedade, a tranquilidade do espaço vivido e construído socialmente, o sentido de “lugar”, seus valores e a identidade individual ou social. Além disso, observam-se perdas sociais e simbólicas, ou seja, a ruptura das relações de vizinhança, de parentesco, de comunidade, assim como as perdas de bens culturais (BREGAGNOLI; ROTHMAN, 2014, p. 4).

Reconhecer a importância dessa cultura é valorizar um modo de vida que, mesmo diante das adversidades, continua transmitindo saberes essenciais para a sua subsistência.

Ao estudar a cultura ribeirinha foi observado o quanto esse saber é importante para as famílias que moram na comunidade, muitas dessas pessoas, que não tiveram acesso à educação formal na infância, encontraram na educação não-escolar transmitida de geração em geração e entre os outros membros da comunidade, grande aprendizado.

Discutir a educação não-escolar das comunidades dos rios Providência e Tocantins, em Miracema do Tocantins é reconhecer o valor das práticas culturais ribeirinhas como formas legítimas de produção de conhecimento. De acordo com Maciel, Arroyo e De Azevedo (2023) “É fundamental buscar abordagens que valorizem e protejam os saberes populares, garantindo sua continuidade e contribuição para o desenvolvimento sustentável [...]”.

O poder público e os cidadãos miracemenses devem valorizar essa cultura que é tão marginalizada. Foi possível observar também, o quanto urgente é a implementação de políticas públicas voltadas para o povo ribeirinho, povo esse que luta constantemente para manter a sua cultura viva e suas terras para as próximas gerações de crianças ribeirinhas.

Segundo Farias (2018, p.141), a resistência para os ribeirinhos “[...] é manter sua cultura diante das pressões do ‘progresso’. É continuar plantando, pescando, rezando, narrando, mesmo quando o Estado se ausenta ou quando grandes projetos ameaçam seus modos de vida.”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho concentrou esforços na análise da Educação Não-Escolar no âmbito dos Ribeirinhos dos Rios Tocantins e Providência em Miracema do Tocantins, visando contextualizar os relatos de suas vivências para responder a seguinte questão norteadora: “Como os ribeirinhos de Miracema produzem e reproduzem suas experiências e saberes no local onde vivem?”.

O trabalho permitiu compreender que a educação vai além da educação formal reproduzida dentro da sala de aula, mas também abrange a educação não-escolar, presente nas vivências, nas práticas de subsistência, e no respeito ao meio ambiente, e reproduzida na comunidade ribeirinha de Miracema.

A cultura ribeirinha é produzida e reproduzida por meio da oralidade, de geração em geração, da observação da natureza e do trabalho cooperativo. Cultura essa que resiste mesmo em meio às adversidades, como ausência de políticas públicas, impactos ambientais causados pelos empreendimentos hidrelétricos próximos, e a ameaça da sua cultura e identidade se perder por completo.

Diante do que foi analisado, torna-se evidente a importância da implementação de políticas públicas que valorizem a cultura ribeirinha, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dessas comunidades e para a preservação da sua cultura.

A educação não-escolar produzida e reproduzida pelos ribeirinhos em Miracema do Tocantins revela-se tão legítima e valiosa quanto a educação formal, pois nasce das vivências, e dos saberes passados de geração em geração, sendo assim essencial para a subsistência da comunidade.

Durante a elaboração do trabalho, foi possível identificar a importância da reprodução de conhecimentos que vão além da sala de aula, uma realidade pouco explorada, mas também convida os futuros pedagogos a lançar luz sobre o papel da pedagogia em espaços não-escolares.

Que este estudo possa contribuir para ampliar o debate sobre a educação e cultura ribeirinha, e que sirva de base para políticas públicas de valorização da cultura e melhoria da qualidade de vida das comunidades ribeirinhas de Miracema do Tocantins.

Dessa forma, espera-se que este trabalho possa contribuir com novos estudos relacionados à Educação Não-Escolar, visto que este tema é amplo e de grande relevância.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Rinaldo S. V. *Povos tradicionais e a cultura: repensando os direitos culturais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 34. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Articulação de políticas públicas de SAN para povos e comunidades tradicionais: ribeirinhos*. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/acesso-a-alimentos-e-a-agua/articulacao-de-politicas-publicas-de-san-para-povos-e-comunidades-tradicionais/ribeirinhos#:~:text=Fam%C3%ADlias%20que%20vivem%20nas%20margens,pr%C3%A9sentes%20em%20todo%20territ%C3%ADo%23rio%20brasileiro>. Acesso em: 5 dez. 2024
- BREGAGNOLI, Narayana de Deus Nogueira; ROTHMAN, Franklin Daniel. Impactos socioculturais: os efeitos da Usina Hidrelétrica Cachoeira do Emboque e sua comunidade atingida. *Revista Agrogeoambiental*, v. 6, n. 1, abr. 2014.
- BRITO, Eliseu Pereira de; SILVA, Henrique Martins da. Ressignificações da vida ribeirinha: das margens do rio Tocantins ao Assentamento Mirindiba em Araguaína – Tocantins – Brasil. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 24, n. 1, p. 35-55, jan.-abr. 2021.
- BRITO, Eliseu Pereira de. Sobre os ribeirinhos tocantinenses: história e resistências. *Revista Inter Spaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, Grajaú, v. 4, n. 14, p. 33-48, 2018.
- BRITO, Eliseu Pereira de; ALMEIDA, Maria Geralda de. No itinerário dos expulsos pela UHE Estreito: território dos sujeitos ribeirinhos no Rio Tocantins. *Revista de Geografia (Recife)*, v. 34, n. 3, p. 47-63, 2017.
- COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. *Pesquisa em administração*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. Disponível em: <https://www.grupoa.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2024.
- CORRÊA, R. B. Do território recurso ao território abrigo: modo de vida e o processo de valorização do açaí no município de Cametá-PA. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Pará, Belém, 2010
- COSTA, Sandra de Oliveira. *Educação e comunidade: saberes populares e práticas sociais*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- JESUS, Bruno Mendes; ERTZOGUE, Marina Haizenreder. Sobre a saudade de um rio: perdas simbólicas dos ribeirinhos do Tocantins. 2018.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://www.atlas.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2024.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://www.atlas.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2024.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012. Disponível em: <https://www.atlas.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2024.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2005.

INVESTCO. UHE Lajeado. Disponível em: <https://www.investco.com.br/pt-br/a-usina/uhe-lajeado>. Acesso em: 5 jun. 2025.

LITTLE, Paul E. *Megaempreendimentos na Amazônia: impactos regionais e conflitos sociais*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2002.

MACIEL, Raimunda Gomes; ARROYO, Maria Betânia de Carvalho Fidalgo; DE AZEVEDO, Ana D.'Arc Martins. A valorização dos conhecimentos e saberes populares das mulheres de comunidades ribeirinhas: um enfoque no exemplo das mulheres tecelãs de Igarapé Miri, Pará. *Revista Saberes da Amazônia*, v. 8, n. 14, 2023.

MARQUES, S. F.; TAVARES, F. B.; COPETTI, L. D. Desafios das organizações sociais frente às transformações da pesca artesanal no Baixo Tocantins-PA. *Desenvolvimento Rural Interdisciplinar*, v. 3, n. 1, p. 111-138, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MIRANDA, Ricardo Ferreira. *Miracema do Tocantins: uma cidade em (des) construção*. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 5 dez. 2024.

NASCIMENTO, Eliane. *Saberes invisíveis: conhecimento e resistência em comunidades tradicionais*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

OLIVEIRA, Antonio Miranda de. Territorialidades camponesas na educação de assentados: assentamento Brejinho em Miracema do Tocantins.Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, UFU: Programa de Pós-Graduação em Geografia. Uberlândia, MG, 2013.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. *Educação e políticas públicas: questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Disponível em: <https://www.autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2024.

OLIVEIRA, Lúcia Maria. *História social e cultural do Tocantins*. Palmas: EDUFT, 2013. Disponível em: <https://www.uft.edu.br/editora>. Acesso em: 5 dez. 2024.

PLOEG, J. D. V. D. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 17-32.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. Usos e abusos da história oral, v. 2, p. 103-130, 1996 apud MATOS; SENNA (2011).

RODRIGUES, R. P.; MEDEIROS, M. Atividades socioprodutivas e tipologias de unidades de produção familiar de camponeses-ribeirinhos em várzea do Baixo Tocantins. *Revista de*

Economia e Sociologia Rural, Brasília, v. 62, n. 2, e264420, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2022.264420>. Acesso em: 4 dez. 2024.

SANTOS, Jenijunio dos. Populações ribeirinhas e educação do campo: análise das diretrizes educacionais do município de Belém-PA, no período de 2005-2012. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Roberto Cardoso da. *Saberes ribeirinhos: cultura, memória e resistência*. Belém: EDUFPA, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista aos ribeirinhos

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS RIBEIRINHOS



Universidade Federal do Tocantins

Campus Miracema

Curso de Pedagogia

PESQUISA MONOGRÁFICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**TEMÁTICA: EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR: SABERES E PRÁTICAS DE RIBEIRINHOS
DE MIRACEMA DO TOCANTINS-TO**

AUTORA: ROSYANNE GOMES BARBOSA

Email: rosyanne_rgb@mail.uft.edu.br

ORIENTADOR: Prof. Antônio Miranda de Oliveira

Senhor/a participante/colaborador/a da pesquisa

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada: **“EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR: SABERES E PRÁTICAS DE RIBEIRINHOS DE MIRACEMA DO TOCANTINS-TO”**. Seu objetivo principal é “Reconstituir as histórias, os saberes e práticas, do lugar e dos ribeirinhos que residem na parte norte da cidade de Miracema do Tocantins margeando o Rio Tocantins e o Rio Providência”. Respondendo a este questionário você nos autoriza a utilizar essas informações no relatório da pesquisa e a pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para os fins dessa pesquisa. Para sua identificação vamos usar nome fictício. A qualquer momento você pode nos desautorizar a usar as informações prestadas. Muito obrigada.

Questionário: Cultura e Condições de Vida dos Ribeirinhos

Identificação

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Gênero: () Masculino () Feminino

4. Comunidade onde reside: _____

5. Há quanto tempo mora na comunidade? _____ anos

Infraestrutura e Ação do Poder Público

Informe como era essa região quando você chegou aqui

6. Existe alguma estrada de acesso à sua comunidade?
 Sim Não

7. O que você acha dessa estrada? (Se existir)

8. Como você avalia a presença e ação do poder público em sua comunidade?
 Boa Regular Ruim Inexistente

9. Você se sente amparado pelo poder público?
 Sim Não
 - Por quê? _____

10. Sua comunidade tem acesso a serviços públicos como saúde, educação e segurança?
 Sim Não
 - Se sim, como avalia esses serviços? _____
 - Você recebe algum benefício do governo (Exemplo do CRAS, INSS),
 Sim Não
 - ❖ Se sim, qual? _____

Condições de Vida e Trabalho

11. Qual é o seu nível de escolaridade?

- () Nenhuma escolaridade () Fundamental Incompleto () Fundamental Completo
() Médio Incompleto () Médio Completo () Superior

14. Como você adquiriu sua terra? _____

15. Qual a extensão da sua propriedade? _____ hectares

Atividades da Família

16. Quais são as atividades diárias dos membros da sua família?

17. Vocês plantam alimentos? () Sim () Não Se sim, quais?

18. Vocês pescam? () Sim () Não Se sim, qual tipo de pesca praticam?

19. Os alimentos cultivados ou o pescado são para:

- () Consumo próprio () Venda na cidade () Ambos

20. Como é realizada a pesca/cultivo? _____

21. O que você e sua família fazem durante os períodos de cheia do rio?

22. O que vocês fazem durante o período do defeso?

23. Como é a criação dos filhos na comunidade? Eles ajudam nas tarefas diárias? Eles frequentam a escola regularmente?

Conhecimentos Tradicionais

24. Quais conhecimentos sobre pesca e cultivo você adquiriu ao longo do tempo?

25. Com quem você aprendeu a pescar e a cultivar a vazante?

Considerações Finais

26. O que você gostaria que melhorasse na sua comunidade?

27. Como você imagina que vai está essa região onde você mora daqui uns 30 anos?

28. Algum outro comentário que queira fazer sobre sua vida na comunidade ribeirinha?

29. O que mudou com a construção da usina?